

“ENTRE CONFLITOS E RESISTÊNCIAS”: A NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL COMO INSTRUMENTO DE LUTA PELO TERRITÓRIO DAS COMUNIDADES TRADICIONAIS DO NORTE DE MINAS GERAIS¹

Lilian Maria Santos
Unimontes / Minas Gerais / Brasil

Adinei Almeida Crisóstomo
Unimontes / Minas Gerais / Brasil

Andréa Maria Narciso Rocha de Paula
Unimontes / Minas Gerais / Brasil

Sérgio Leandro Sousa Neves
Unimontes / Minas Gerais / Brasil

Felisa Anaya
Unimontes / Minas Gerais / Brasil

Ana Paula Glinfskoi Thé
Unimontes / Minas Gerais / Brasil

RESUMO

As ações e medidas derivadas de planos públicos e privados de desenvolvimento podem ser identificadas pela expropriação ou não reconhecimento dos direitos territoriais, pela contaminação e cerceamento de acesso aos recursos naturais, pela fragilização dos sistemas produtivos e pela radical desestruturação das comunidades tradicionais. Este fenômeno da desestruturação, combinado com a intensificação das práticas ilegais de grilagem e desmatamento, que resultam numa devastação generalizada dos recursos naturais, consiste num dos pressupostos que levaram à elaboração do projeto. Neste sentido o trabalho envolve oficinas e entrevistas nas comunidades, bem como o repasse de noções básicas do uso do GPS pelos comunitários, considerando que são eles os sujeitos que objetivamente constroem o mapa e dão voz a história do território, da expropriação e da luta pela retomada. Como produto final do Projeto Brasil Central e como devolução para as Comunidades, o Núcleo Minas Gerais empenhou na construção de dois Fascículos (um no Quilombo Buriti do Meio e o outro na Comunidade Vazanteira de Pau de Léguas) e um Boletim Informativo da Articulação “Vazanteiros em Movimento”, com intuito de instrumentalizar, a partir do processo da Nova Cartografia Social, a luta destas comunidades, além da produção de um Mapa síntese, um mapa do território feito pela própria comunidade. Neste artigo propomos expor como se deu o desenvolvimento do projeto na Comunidade Buriti do Meio.

Palavras-chave: Nova Cartografia Social; Comunidades Tradicionais e Norte de Minas Gerais

¹ Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

Trabalho elaborado com base nas atividades de pesquisa do Projeto: “Conflitos Sociais e Desenvolvimento Sustentável no Brasil Central”.

INTRODUÇÃO

O projeto da Nova Cartografia Social, *Conflitos Sociais e Desenvolvimento Sustentável no Brasil Central – Núcleo Minas Gerais*, se desenvolve em uma parceria estabelecida pela Unimontes e a Universidade Estadual do Maranhão. Este projeto tem como objetivo o mapeamento social dos efeitos da expansão dos agronegócios sobre os processos diferenciados de territorialização específica de povos e comunidades tradicionais no Norte de Minas. O projeto envolve o trabalho de oficinas e entrevistas, bem como o treinamento para o uso do GPS pelos comunitários, considerando que são os moradores da comunidade que objetivamente constroem o mapa e apresentam suas narrativas sobre a história do território, da expropriação e da luta pela retomada.

O trabalho de mapeamento pressupõe, além disto, o treinamento e a capacitação de membros destas comunidades, que são os sujeitos na seleção do que deverá constar dos mapas produzidos e no registro de pontos a eles referidos. O aprendizado de dispositivos constitucionais, da legislação ambiental pertinente e de técnicas elementares de uso do GPS consiste numa etapa inicial do trabalho do PNCSA. Tal capacitação é consolidada pelas oficinas de mapas realizadas nas próprias comunidades. De acordo com uma composição definida pelos seus próprios membros tais oficinas resultam em atividades que delimitam perímetros e consolidam as informações obtidas por meio de observação direta e de diferentes tipos de relatos, contribuindo para uma descrição etnográfica suficientemente precisa. Para fins de divulgação ampla e difusa, os resultados dos trabalhos relativos a cada situação social são publicados em forma de fascículos, contendo um mapa, excertos de depoimentos de membros das comunidades pesquisadas e as demandas do grupo. Estes fascículos, coligidos pelas respectivas equipes de pesquisadores, são distribuídos principalmente pelos próprios membros das comunidades mapeadas (ALMEIDA, pag. 28).

Um dos compromissos do Núcleo de Pesquisa do Norte de Minas Gerais é realizar a construção de Fascículo da comunidade Quilombola Buriti do Meio, processo do qual pretendemos apresentar e discutir neste artigo. Para tanto apresentamos as discussões teóricas sobre mapas sociais e a Nova Cartografia Social, bem como o desenvolvimento do projeto na comunidade.

A Comunidade do Quilombo Buriti do Meio tem histórico de luta pelo reconhecimento legal como remanescente de quilombo, marcada por conflitos com as fazendas do entorno por conta das expropriações sofridas, o que leva a falta de acesso a água até mesmo para as tarefas cotidianas e também para as práticas agrícolas.

A comunidade possui casas muito espalhadas, com muitas ruas e mais de 700 moradores, porém muitos se ausentam durante alguns meses ou anos por causa da migração em busca de trabalho. Embora faça parte do município de São Francisco –

MG, cortada pelo Rio São Francisco, a comunidade enfrenta todas as conseqüências da seca que acomete o Norte de Minas e, uma das questões, é exatamente o prejuízo causado pelo impacto dos grandes empreendimentos às nascentes perenes que existiam.

No nosso contato com a comunidade foi possível perceber que o artesanato do barro é uma prática muito relevante, tanto como renda para muitas famílias como também uma forma de se auto afirmar e dar visibilidade para a comunidade. Nas oficinas e nos conteúdos das entrevistas, realizadas pelo projeto, é perceptível que eles têm uma história de laço muito forte com o território, muitos mitos envolvendo a água, o barro e a chegada dos antepassados. Os comunitários possuem também muitos marcos que indicam a ancestralidade e muitos casos que remetem à tradição alimentar, musical e religiosa. Neste contexto, principalmente os idosos são os portadores da memória e são com eles que os moradores contam para trazer à tona as lembranças que compõem a identidade quilombola e o pertencimento ao território.

A CARTOGRAFIA SOCIAL E A NOVA CARTOGRAFIA

A cartografia social é uma estratégia que permite o acionamento da memória, a participação coletiva da comunidade e, principalmente, o processo de politização e contato com os conteúdos específicos da memória coletiva da comunidade. Acserald e Viegas (2013), discutindo sobre a importância da cartografia social para a luta dos grupos sociais que reivindicam o direito territorial, afirmam que a cartografia cria efeitos políticos imediatos, mobilizando o grupo social em seu protagonismo, resgate e reprodução dos seus processos, sendo sua construção um processo de politização.

O campo da cartografia social evidencia a existência de disputas epistemológicas por meio das quais os grupos sociais reivindicam formas próprias de conceber o território e suas representações, utilizando-se das técnicas convencionais da cartografia em sua ação política. Este é um processo fundamental para a constituição desses grupos não só como sujeitos “cartografantes”, mas também como sujeitos políticos, desde que lhes seja garantida a autonomia da produção da informação espacial e da decisão sobre seus mundos (ACSERALD, VIÉGAS, 2013. P. 17).

Desse modo a cartografia social é o esforço de ocupar, controlar e usar um território, ou seja, é um processo de territorialidade. O processo de construção do mapa na cartografia social é um meio e não o fim, pois cria efeitos políticos imediatos e

oportuniza maior instrumentalização para a disputa. Esse tipo de mapa envolve um mediador e é utilizado para mostrar o quanto a comunidade conhece e se apropria do território como valor moral.

Na perspectiva da Cartografia Social temos a modalidade da Nova Cartografia Social, nesta o que se propõe é que a comunidade conduza todo o processo, inclusive o manejo de GPS e produza a própria história sem a ação de um mediador. A proposta da Nova Cartografia é que tenha a colaboração de técnicos para assessorar a comunidade, treinar o uso do GPS e produzir os mapas técnicos finais e, na condução específica do mapa, estes devem apenas auxiliar sem nenhuma intervenção na produção do material.

Em lo sustantivo, además de su metodología participativa, lo que me impresiona más del equipo Nova Cartografía es su capacidad constante y profunda de innovación. Una cosa es desarrollar una especialidad técnica, y aplicarla de manera consecuente a través de los años. Pero el resultado es muy diferente cuando el equipo aplica la técnica, y a la vez sujeta la práctica a escrutinio y reflexión crítica, para mejorar las rutinas, expandir su aplicación a ámbitos nuevos, y adaptar la metodología a los emergentes desafíos económico-políticos del entorno. Se a una revisión de los títulos de los fascículos, o una apreciación más profunda de la análisis ofrecido en los libros, uno rápidamente se da cuenta que el adjetivo “nova” es bien puesto: es una práctica de mapeo en plena evolución, cuyo curso arroja múltiples aprendizajes tanto técnicos como teóricos que han sido, en cada etapa, sustantivamente nuevos (ALMEIDA, JUNIOR, 2013 pág. 27)².

Podemos considerar que a Nova Cartografia Social tem o propósito de tornar o processo o mais autônomo possível para a comunidade e, principalmente, oportunizar um espaço de reflexão, politização e apropriação do território.

²Citação de CHARLES R. HALE: diretor do Teresa Lozano Long Institute of Latin American Studies and Benson Latin American Collection – University of Texas, Austin.

Tradução: No substantivo, além de sua metodologia participativa, o que me impressiona mais da equipe da Nova Cartografia é a sua constante e profunda capacidade de inovação. Uma coisa é desenvolver uma especialidade técnica e aplicá-la consistentemente através dos anos. Mas o resultado é muito diferente quando a equipe aplica a técnica e, ao mesmo tempo, submete a prática ao escrutínio e à reflexão crítica, para melhorar rotinas, expandir sua aplicação para novas áreas e adaptar a metodologia aos desafios econômico-políticos emergentes do meio ambiente. Seja uma revisão dos títulos dos fascículos, ou uma apreciação mais profunda da análise oferecida nos livros, rapidamente percebe-se que o adjetivo "nova" está bem colocado: é uma prática de mapeamento em plena evolução, cujo curso rende múltiplas aprendizagens técnicas como teóricos que foram, em cada estágio, substancialmente novos.

A NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL NO QUILOMBO BURITI DO MEIO



Figura 01 – Oficina Nova Cartografia Social no Quilombo Buriti do Meio
Fonte: Acervo Projeto Brasil Central – Núcleo MG.

Na Comunidade Buriti do Meio realizamos entrevistas e oficinas com os comunitários, onde trabalhamos temas como *cultura, tradição, memória e lugar* e também para a construção do mapa.

Nas oficinas o propósito é discutir sobre a história do lugar, da cultura e tradição, com o intuito de produzir conteúdos que possam instrumentalizar discursos, estratégias e documentos para a luta pelo território e pelos direitos a produção e reprodução dos modos de vida.

Ressaltamos o potencial das oficinas em promover o exercício ético e político, pois, ao mesmo tempo em que geramos material para análises, criamos um espaço de trocas simbólicas que potencializam a discussão em grupo em relação à temática proposta, gerando conflitos construtivos com vistas ao engajamento político de transformação (SPINK, MENEGON, MEDRADO, 2014, p. 33).

O mapeamento social inscreve-se no repertório de mobilizações e de lutas dos povos para a garantia e preservação dos seus direitos territoriais. Tem como uma de suas propostas principais, a participação coletiva das Comunidades Tradicionais na construção e no auto-mapeamento do território, levando em conta a história, a cultura, os lugares, os saberes e a memória da Comunidade.

Para fomentar o trabalho na Comunidade Buriti do Meio, foram realizadas também atividades de pesquisas e estudos para organização de acervo bibliográfico, com a catalogação de trabalhos acadêmicos como teses, dissertações, monografias, artigos, livros e cartilhas desenvolvidas sobre a região do Norte de Minas Gerais, as Comunidades Tradicionais, Conflitos Ambientais, Cultura, Modos de Vida, Saberes, Tradições, dentre outras categorias de estudos.

A partir das reflexões dos momentos de pesquisa avançamos para os trabalhos de campo e oficinas que começaram a partir do mês de julho de 2017. A respeito da produção e confecção dos Produtos Finais, destacamos as principais atividades que foram realizadas para a produção da Nova Cartografia Social na Comunidade do Quilombo Buriti do Meio.

Foram realizadas Oficinas com as temáticas de GPS/Mapas, Comunicação/Imagens - como etapa preparatória para a Oficina da Nova Cartografia Social - para a mobilização e visibilização das lutas da comunidade, bem como o Croqui da Comunidade para a construção do Mapa Síntese. Estas atividades aconteceram em três dias de muito trabalho e se configuraram da seguinte forma:

- oficina de GPS/Mapas, onde foram trabalhadas noções sobre a história da cartografia, apresentação de alguns instrumentos como mapas, o globo e a bússola, noções sobre composições de um mapa, coordenadas geográficas, legendas, símbolos, escalas, título do mapa, conceitos de escala, dimensões e legendas;
- atividades práticas de utilização do GPS e marcação de pontos e oficina de Comunicação/Imagens, vídeos e fotografias e utilização dessas técnicas nas redes sociais. Os Grupos foram divididos de modo que a comunidade em conjunto revivesse momentos, histórias, pessoas e lugares do Quilombo Buriti do Meio.

Dessa forma, a estratégia utilizada pelos pesquisadores na comunidade foi para além do objetivo inicial, uma vez que a comunidade se mostrou ainda mais acessível para a realização da oficina de construção do mapa, bem como possibilitou maior integração entre os membros participantes, o que colaborou para um excelente resultado final.

No mês de novembro o Núcleo desenvolveu a Oficina da Nova Cartografia Social com a construção do Mapa e Croqui da Comunidade Quilombola Buriti do Meio. Durante esse momento aconteceram entrevistas em profundidade, simultaneamente à construção do Croqui, com algumas pessoas-chaves para entender a história e o território da comunidade.

No mês de dezembro de 2017 os pesquisadores retornaram à Comunidade Quilombola Buriti do Meio para finalização do Croqui, assim como também para a marcação de pontos de GPS para georreferenciamento do território.

No mês de julho de 2018 aconteceu a Oficina de Validação Final do Fascículo do Quilombo Buriti do Meio, foi exposto para a Comunidade tanto o mapa, por eles construído, bem como os conteúdos das falas dos moradores que compunham a história do território, das tradições e das lutas.

O Fascículo de Buriti do Meio abordou o contexto histórico da Comunidade, as origens, as tradições, a cultura, os conflitos ambientais e os “*cercamentos*” ou “*encurralamentos*” do Quilombo por fazendas de pastagens e criação de gado pelo agronegócio local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção da *Nova Cartografia Social do Quilombo Buriti do Meio* se tornou mais um *Instrumento de Luta* para a Comunidade, teve como uma de suas propostas principais a participação coletiva na construção e no auto-mapeamento do Território, levando em conta a história, a cultura, os lugares, os saberes e a memória. No contexto de desenvolvimento do projeto a comunidade contou sua história, evidenciando suas tradições e cultura, fortaleceu o caminho de resistência frente aos processos de desenvolvimento local e regional, dando assim mais visibilidades às mobilizações e as lutas pelos direitos territoriais.

AGRADECIMENTOS

Ao Projeto de Pesquisa: “Conflitos Sociais e Desenvolvimento Sustentável no Brasil Central”, a toda Equipe de Pesquisa da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES e a Fundação Ford pelo financiamento do Projeto.

“Fotos das Oficinas da Nova Cartografia Social”



*Seção de Fotos 01: Oficinas da Oficina Nova Cartografia Social no Quilombo Buriti do Meio
Fonte: Acervo Projeto Brasil Central – Núcleo MG.*



Fonte: Acervo Projeto Brasil Central – Núcleo MG.



Fonte: Acervo Projeto Brasil Central – Núcleo



Seu José, Seu Joaquim e Geraldo,
MG.



Fonte: Acervo Projeto Brasil Central – Núcleo

Fonte: Acervo Projeto Brasil Central – Núcleo MG.



Seção de Fotos 02: Validação Final do Croqui / Mapa e Fascículo da Comunidade.

Fonte: Acervo Projeto Brasil Central – Núcleo MG.

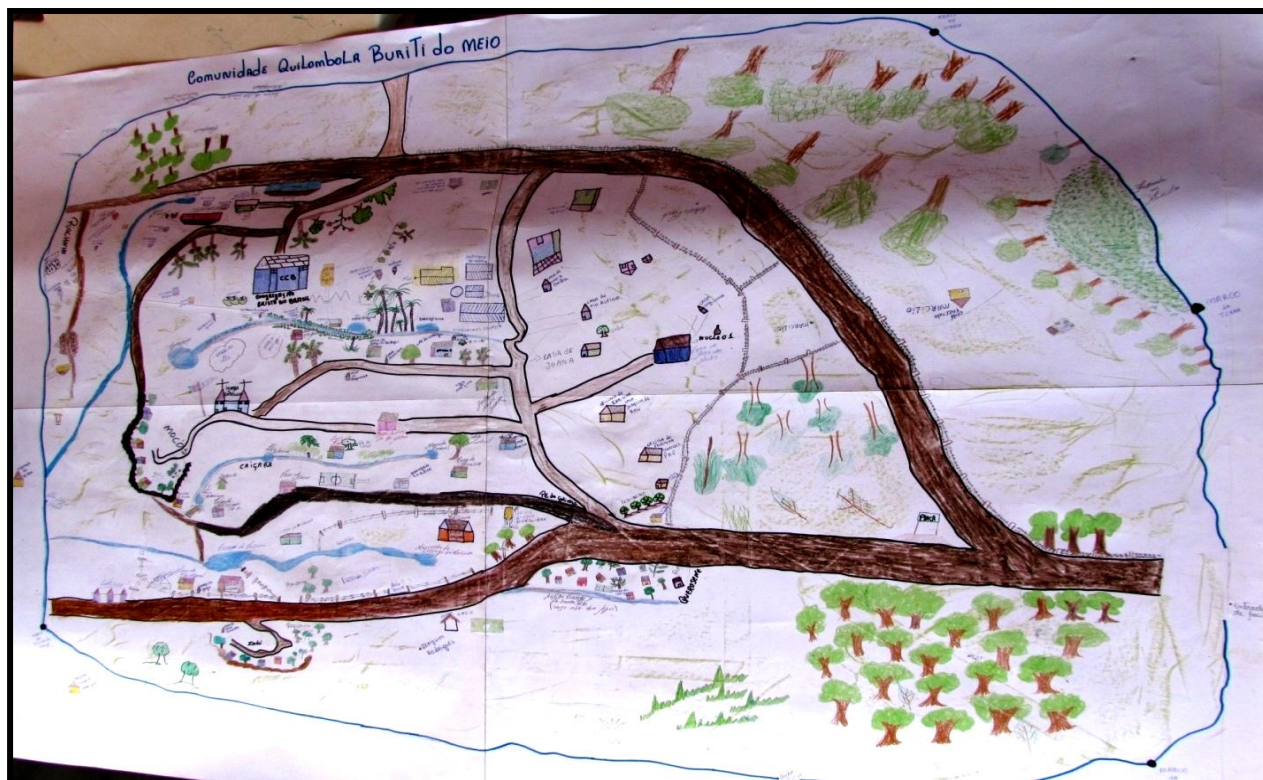


Figura 2: Croqui do Quilombo Buriti do Meio
 Fonte: Acervo Projeto Brasil Central – Núcleo Minas Gerais

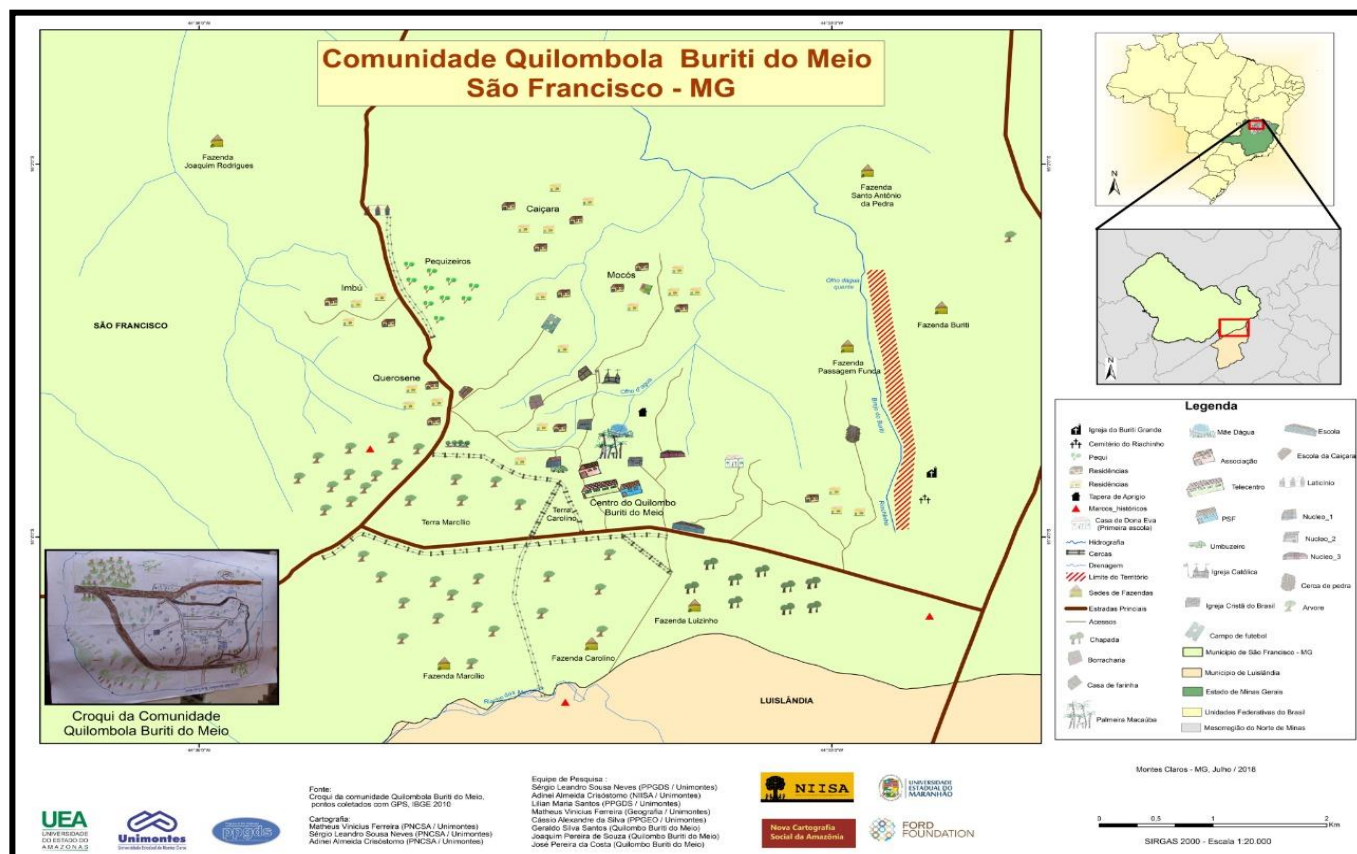


Figura 3: Mapa Final do Quilombo Buriti do Meio
 Fonte: Acervo Projeto Brasil Central – Núcleo Minas Gerais

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, H; VIÈGAS, R. N. Cartografias Sociais e Territórios – um dialogo latino americano. In: Cartografia Social, terra e território. ACSELRAD, H; VIÈGAS, R. N, et al (Orgs). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento urbano e Regional, 2013, 318p.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de; FARIAS JÚNIOR, Emmanuel de Almeida (ORG.). **Povos e Comunidades Tradicionais**: nova cartografia social. Manaus, UEA Edições, 2013. Disponível em <<http://www.ppgcspa.uema.br/wp-content/uploads/2015/07/Catalogo-Povos-Comunidades-Tradicionais-1.pdf>> acesso em abril de 2018.

SPINK, M. J. MENEGON, V. M. MEDRADO B. Oficinas Como Estratégia de Pesquisa: articulações teórico-metodológicas e aplicações ético-políticas. *Psicologia & Sociedade*, 26 (1), 32 – 43. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v26n1/05.pdf>> Acesso em maio de 2018